

R E L A T Ó R I O
REF: ITE 042/85-AESP

"Os Waimiri/Atroari tombaram no silêncio da mata e foram sutilmente enterrados e esquecidos no espaço e no tempo. Hoje em dia vamos em missão de paz, de amizade com os índios, mas na verdade estamos trabalhando como pontas de lança das grandes empresas e dos grupos econômicos que vão se instalar na área. Para o índio fica difícil acreditar em missão de paz se atrás de você vem um potencial de destruição ecológica."

Apoena Meirelles

in: Jornal Opinião - Rio de Janeiro, 17.01.75

Para dar cumprimento a ITE nº 042/AESP, de 29.10.85 desloquei-me à Ia.DR e ao NAWA no período de 07.11 a 29.11 do corrente ano com a finalidade de: 1) observar a comunidade indígena Waimiri-Atroari e avaliar as reivindicações de implantação de um sistema educacional específico para a área; 2) avaliar a viabilidade e oportunidade de implantação do referido sistema educacional; 3) realizar um levantamento lingüístico preliminar visando o aprendizado da língua Waimiri-Atroari por parte dos servidores locais; 4) discutir com a comunidade indígena e equipe local de servidores sobre o tratamento adequado da questão educacional e lingüística e propor medidas neste sentido.

Passarei a me delongar especificamente sobre cada um dos itens da ITE.

Durante minha estada no PV Terraplanagem, no período de 10 a 25 de novembro pude observar que a comunidade indígena Atroari está envolvida com um sistema educacional específico que procura respeitar ao máximo sua cultura e seu ritmo de vida. Este sistema educacional específico está sendo conduzido pelo casal Doroty e Egídio Schwade. Ambos estão tendo mui

to boa aceitação em suas atividades educacionais.

A escola funciona em dois termos: no turno matinal atende às mulheres e crianças e no turno vespertino atende aos homens. Para esses turnos não há um horário rígido a ser obedecido. No entanto, os próprios alunos indígenas praticamente exigem cerca de duas a três horas diárias de aulas. Para exemplificar podemos considerar o fato de num dia, os homens terem saído para caçar de madrugada e terem regressado pelas 17h do mesmo dia. Estavam tristes, porque não encontraram nada para caçar, e cansados pela longa caminhada. Apesar disso, uma hora depois estavam na escola com uma disposição invejável. Aliás, a vitalidade empreendida pelos Atroari em todas as suas atividades é algo admirável. A disposição é a mesma tanto para caçar, pescar, trabalhar no roçado como para estudar. Percebe-se que há uma satisfação com a escola, sobretudo porque estão percebendo os primeiros frutos desse empreendimento: já lêem palavras e frases; já escrevem palavras e frases novas. Esse processo educacional que foi introduzido e que está sendo implantado pelo casal Doroti e Egídio Schwade não poderá sofrer solução de continuidade dado que os resultados até agora obtidos são alentadores e promissores.

Passarei a descrever sucintamente a metodologia empregada na escola Yauará, do PV Terraplanagem.

O processo de ensino inicia-se com o envolvimento direto dos alunos em todas as atividades. Explicando: o aluno cria o material didático que lhe vai servir. Ao mesmo tempo em que desenha e pinta a flora e a fauna conhecida com lápis grafite e lápis de cor numa meia folha de papel ofício, a estrutura de sua língua também transparece. Primeiro, surgem os itens lexicais de sua cultura e, gradativamente, com a evolução do domínio sobre a habilidade de se expressar por escrito, surgem as primeiras frases sobre seus quefazeres diários. Sem dúvida que essas etapas são emocionantes, tanto para os professores e muito mais para os alunos. É visível a satisfação que experimentam quando percebem que sua língua pode ser estudada em sua estrutura e, também, quando se convencem que sua língua é bonita.

ta. Daí sua assiduidade e sua participação efetiva e afetiva nas aulas.

Aqui cabe um parêntese: sua participação às aulas em nada lembra a formalidade de nosso sistema educacional. São descontraídos nas aulas; comunicam com satisfação aos outros suas descobertas, seus desenhos, suas palavras e frases escritas.

Poder-se-ia dizer que o método utilizado na alfabetização é o da palavração, descrito no nº 53 do Boletim do Museu Nacional de 30.07.85. Este método consiste em:

- 1º) desenhar pequenas cenas;
- 2º) conversação sobre essas pequenas cenas;
- 3º) escrever/desenhar sobre essa conversação;
- 4º) coleta do material produzido;
- 5º) montagem do texto a partir da coleta do material;
- 6º) discussão no dia seguinte sobre o texto produzido.

Por enquanto, na Escola da aldeia Yauará do PV Terraplanagem este método está sendo seguido nas 1a., 2a., 3a., 4a. e 6a. etapas acima descritas. Dessas etapas surgem os nomes das plantas e dos animais conhecidos e surgem frases enfocando "pequenas cenas" do dia-a-dia. Com isso o universo lexical e a estrutura da língua vai surgindo. Só para ilustrar, nos quase dois meses de aula já surgiram mais de seiscentos desenhos de plantas, de animais e de "pequenas cenas" com as respectivas "legendas" em língua Atroari. Por ser o primeiro material documentado envolvendo a língua e costumes dos Atroaris bem pode-se aquilatar sua importância. Evidentemente, o material didático-pedagógico que vier a ser elaborado futuramente deverá se embasar neste material já documentado.

Em termos lingüísticos o que fazer com este material já documentado? O lógico é depreender a estrutura da língua em seus elementos constitutivos. Assim, em termos bem simples o que se tem a fazer é descobrir, por exemplo, dos nomes

os seus determinantes, adjetivos e complementos (sintagma nominal); dos verbos descobrir a estrutura e complementos, etc. Como passo seguinte perceber a estrutura da frase e seus constituintes. O que posso dizer em relação ao trabalho dos professores da escola Yauará (PV Terraplanagem) é que estes pressupostos lingüísticos são levados em consideração de uma maneira bastante criteriosa.

A experiência que está sendo levada avante no PV Terraplanagem deverá ser estendida aos outros grupos Atroaris (Xeri, Baixi e Alto Alalau) e Waimiris se possível sob orientação dos professores da escola Yauará, porque são pessoas comprometidas vitalmente com a causa desse povo. Cumpre-me enfatizar que não percebi qualquer forma de proselitismo religioso ou interferência cultural por parte dos professores. Estão, sim, empenhados em recuperar e valorizar os costumes, crenças e festas típicas desse povo através de sua ação pedagógica. O processo pedagógico demanda um tempo prolongado, assim sendo, é necessário que os atuais professores do TV Terraplanagem sejam apoiados e que se se necessitar de um convênio com o CIMI para garantir sua presença, que o mesmo seja assinado. Assim a FUNAI estará prestando um serviço a causa dos Waimiri-Atroari.

Quanto as cartilhas, continua válido o que informei na INFO nº 022 /86-AESP.

Quanto ao material de pesquisa lingüística coletado, estou empenhado em sua análise.

Quanto a infra-estrutura do NAWA tenho a dizer que urge um aparelhamento em veículos, sobretudo de uma ambulância e de mais barcos a motor (15 Hp) pois tem acontecido óbitos por carência de atendimento médico urgente, Sou de opinião também que a FUNAI supre todas as necessidades em alimentação, combustível e outros quesitos do NAWA, para que não se veja obrigado a um quadro vexatório de receber suprimentos (que no caso são esmolas) da Mineração Taboca que se incrustou na área indígena. O que se tem a fazer é, urgentemente, regularizar (sic) esta situação, pois tirar a Taboca da área não vejo como a FUNAI poderia fazer.

Aliás, cumpre mais uma vez alertar para a situação do lago da Hidroelétrica da Balbina, que segundo estudos absorverá ainda mais do território indígena. E como ficará a BR 174 que também será alagada? Será uma nova rota a ser construída? E mais terras indígenas comprometidas? E a FUNAI o que faz? Urge demarcar, portanto, definitivamente, as terras indígenas dos Waimiri-Atroari.

Era o que tinha a relatar.

Brasília-DF., 28 de janeiro de 1986.

Valério Rogério Siles
Pesquisador
Linguista

AESP/NRS/sb